

A IMPOSSIBILIDADE DE ESTAR SÓ MESMO SENDO UM

The impossibility of being alone even being one

Nária Costa¹

RESUMO: A era moderna foi a grande responsável pela aproximação das pessoas, como também pela solidão das mesmas. De modo geral, na internet e nas relações líquidas da atualidade, pode-se ouvir as pseudoverdades alheias sem dar ouvidos a si mesmo. Embora Hannah Arendt elucide com veemência que ações e acontecimentos públicos desenvolvam os homens, por meio do diálogo com outros seres políticos e plurais dotados de capacidade cognitiva, o propósito do trabalho consiste em refletir sobre como o uso demorado das redes sociais fomentam o depauperamento do ser ao torná-lo passivo por medo da solidão. Na superficialidade moderna, observa-se a preocupante falta de sensibilidade à dor do outro e a devoção cega ao discurso falacioso. Nunca se ouviu tanto sem realmente escutar a si. Ressalta-se que é impossível estar inteiramente só quando se tem a própria companhia. Não querer estar só reforça um estoicismo extremo positivista e degenera o diálogo consigo mesmo, entendido como fomentador da formação do ser político.

Palavras-chaves: Modernidade, solidão, junto de si.

ABSTRACT: The modern era was greatly responsible for bringing people together, as well as for their loneliness. In general, on the Internet and in today's liquid relations, one can hear the pseudo truths of others without listening to oneself. Although Hannah Arendt vehemently elucidates what actions and public events men develop through dialogue with other political and plural beings endowed with cognitive capacity, the purpose of my work is to reflect on how the excessive use of social networks fosters the impoverishment of being by making it passive for fear of loneliness. In modern superficiality, one observes the worrying lack of sensitivity to the pain of the other and blind devotion to fallacious discourse. You have never heard so much without actually listening to yourself. It is impossible to be entirely alone when you have your own company. Not wanting to be alone reinforces an extreme positivist stoicism and degenerates the dialogue with oneself, understood as fostering the formation of the political being.

Key-words: modernity, loneliness, near you.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo parte de inquietações da autora após a leitura do livro “A dignidade da política” de Hannah Arendt (1906-1975), seguido de uma longa reflexão acerca do comportamento observado das pessoas nas redes sociais. A intenção aqui não é enunciar verdades absolutas, bem como não pretende criticar aqueles que fazem uso das redes sociais, muito menos criticar às mídias e demais meios tecnológicos que, indubitavelmente, são os grandes responsáveis pelo progresso da nossa era.

¹ Graduanda do curso de Filosofia EaD pela Universidade Federal do Piauí/ Polo: Pio IX- Piauí, Brasil.

E-mail: costanaria181@gmail.com.

Pretende-se tão somente lançar provocações que possam contribuir para um despertar filosófico ou ainda analítico da situação atual que permitam novas reflexões para debates posteriores e novas maneiras de pensar a solidão. Por fim, esclareço que a palavra solidão, no presente artigo, relaciona-se a solitude, levando em consideração que esta última refere-se ao bem-estar. Existimos e vivemos na conjuntura social e dela não nos desvencilhamos totalmente, sendo que esse bem-estar depende da harmonia do todo. A solidão existe enquanto termo, mas não enquanto ação. O máximo que conseguimos chegar é a solitude. Já que nunca estaremos completamente sozinhos, devido nossa condição plural.

A fim de cumprir o objetivo exposto acima, será usado como referência o pensamento da referida filósofa alemã. Em suma, ressalta-se que o termo alienação, comumente usada no artigo, faz referência ao campo da filosofia moderna e remete a perda da capacidade de agir e pensar por si próprio, falta de consciência própria e conseqüentemente perda da capacidade reflexiva/crítica. Um indivíduo alienado perde a visão do todo e enxerga apenas às partes, tornando-se assim facilmente influenciado por outros.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A (IM)POSSIBILIDADE DE ESTAR SÓ

Desde os antigos sempre houve uma certa aversão a solidão e a todas as coisas relacionadas a ela. Muitos são os que fogem como loucos dos vestígios da solidão. Isso porque acredita-se que a palavra latina signifique estar só; solitário. Apesar do significado etimológico, o que mais aflige os homens, nos tempos da era digital, é a sensação oriunda da palavra. Sentir-se só equivale, para alguns, ao sofrimento agonizante de Orfeu após perder a tão adorada companhia da amada.

Aprofundando ainda mais a símile poderíamos então dizer que aquele que teme a solidão possui o poder, tal como Orfeu, de adentrar profundamente no mais íntimo do seu ser, em busca de (sua) companhia. Entretanto, assim como no mito grego, basta um olhar, por mais sorrateiro que seja, para que a escuridão devore inteiramente a tranquilidade e a paz interior.

Não obstante vale salientar que o objetivo pretendido não é apontar a solidão como algo negativo, mas sim esclarecer que esta pode e deve ser ressignificada. Aquilo que comumente chamamos de solidão só pode ser temida por aquele que repugna sua própria companhia, quer seja por esta razão ou não, percebe-se que o homem moderno teme a solidão e se submete a situações de enfraquecimento do seu ser, como por exemplo, quando está a todo tempo junto de todos, físico ou virtualmente, sem qualquer objetivo senão o de tentar tapar o vazio de sua mente. Aproximações como estas são despropositadas e não significam, necessariamente, estar no melhor das companhias. Na presença dos outros, o ideal é discutir crenças afim de correlaciona-las com as

devidas observações alheias, tal como aparecem aos outros. Discussões como essas não objetivam chegar às verdades absolutas, mas sim ao amadurecimento das doxas por meio de interpretações da realidade como ela nos aparecem (ARENDDT, 1993).

Entretanto, o que esperar de pessoas que não participam do processo de maturação/reflexão do pensamento crítico, simplesmente por temerem o estar só? Nenhuma grande explicação ou argumento filosófico pode brotar das grandes euforias públicas ou no meio deles. A reflexão é uma tarefa exaustiva, a formulação do pensamento acontece no silêncio da própria companhia.

A grande lição de René Descartes não é levada em consideração por aqueles que se entregam cegamente às primeiras ideias obtidas sobre os mais variados assuntos. Todos são doutores do saber, todos falam, mas ninguém os ouve. Por vezes aqueles que mais falam são justamente os que não tem nada a dizer. A modernidade encurtou às distancias por meio do afastamento das pessoas.

Deseja-se finalmente, que aqueles que buscam desvairadamente por companhia possam perceber que estar longe dos outros não significa estar sozinho. Uma vez que nós somos nossa eterna companhia. Somos espelhos, vemos o mundo ao nosso reflexo e como tal precisamos, por vezes, estar distantes das coisas para só então ver a sua inteireza. Por falar em inteiro, a afirmação de que somos sozinhos é um despautério descabido. Nós somos dois - dois em um – destarte, reconheçamos a pluralidade humana (ARENDDT, 1993).

3. A PLURALIDADE HUMANA

De fato, o uso demasiado das mídias sociais corrobora para o depauperamento do ser, em razão disso percebe-se que comumente as pessoas recorrem as mídias, na vã tentativa de não se sentirem só. A todo o momento a política de uso da internet promete encurtar às distancias por meio da conexão simultânea, até mesmo daqueles que se encontram distantes fisicamente. Por este motivo, as mídias proporcionam a ilusão de preenchimento, como em uma bolha onde o indivíduo encontra-se totalmente preso a ela. A superprodução de mídias da indústria de entretenimento trouxe novas formas de aproximação entre as pessoas, como também foi a maior responsável pelo afastamento dos mesmo em relação a si, justamente porque não garantem o estar só consigo mesmo. A todo momento pode-se ter alguém na palma da mão que o entorpeça, seja falando de si mesmo ou de outrem, sem que o receptor necessite falar de si. Criou-se um personagem onde cada um atua na encenação adequada ao papel do teatro.

De modo geral, na internet e nas relações líquidas da atualidade, o receptor ouve e absorve o conteúdo – pseudoverdades – dos outros, mas não consegue se colocar na oitiva de si. Levando as últimas consequências, o indivíduo aparece aos outros não em essência, como ele realmente é, mas sim como julga ser mais agradável ao sistema e as multidões.

Rubens Alves (1933-2014), escritor e psicanalista mineiro, no texto “A solidão amiga” exemplifica a problemática elaborada até então. Logo no início do texto somos desmascarados com a seguinte frase “o que você mais deseja é não estar em solidão”, poucos são aqueles que reconhecem e aspiram a solidão (entendida como o estar só). Entretanto, mais raro ainda são aqueles que assumem essa condição em uma sociedade moderna totalmente guiada pelas luzes do celular, da televisão, do rádio e dos sons de outdoors. Todos fogem da solidão. Temem estar só, enquanto a massa está conectada, e repudiam a simples ideia de ficar por fora da última novidade do verão, do lançamento que está na moda. Temem ainda a reclusão do mundo, a exclusão dos grupos. O medo moderno é de ser um estranho; esquisito. Pouquíssimos são aqueles que não escolhem um grupo, ou melhor, que escolhem não fazer parte de um, já que não escolher é como dizer não a uma determinada ideologia: remar contra o sistema. Um perigo social.

Aqueles que caem nas armadilhas do uso excessivo das mídias, ditas “sociais”, por temerem a solidão desconhecem o pensamento arendtiano sobre a pluralidade. Para despertar e tranquilizar os aflitos trataremos deste agora.

Segundo a filósofa contemporânea:

Tenho que me suportar, e não há lugar em que o eu-comigo-mesmo se mostre mais claramente do que no pensamento puro, sempre um diálogo entre dois que sou. O filósofo que, tentando escapar da condição humana de pluralidade, foge para a solidão total, entrega-se, de forma mais radical do que qualquer outro, a essa pluralidade inerente a todo ser humano, pois é a companhia dos outros que, atraindo-me para fora do diálogo do pensamento torna-me novamente um- um ser só humano, único, falando apenas com uma voz e sendo reconhecido como tal por todos os outros (ARENDDT, 1993, p. 101).

Assim, segundo Hannah, a condição natural humana é a pluralidade. Todos os homens são plurais; somos dois em um, logo não estamos sozinhos. Em cada indivíduo há um outro dele que pertence a sua própria natureza e que não o deixa estar só, mesmo que esteja longe dos outros fisicamente. Já que “qualquer um de nós, “sendo um”, pode ao mesmo tempo falar consigo mesmo (eme emautô) como se fosse dois” (ARENDDT, 1993, pag.101). A pensadora elucidou o que Carlos Drummond (1902- 1987) exprimia ao dizer que “não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim”.

Para tanto aquilo que refletimos quando estamos em nossa própria companhia torna-se nossa doxa e para que esta torne-se verdade, segundo preceitos socráticos, faz-se necessário primeiramente conhecer aquilo que aparece para o sujeito. “O importante para os mortais é tornar a doxa verdadeira, é ver em cada doxa a verdade, e falar de tal maneira que a verdade da opinião de um homem revele-se para si e para os outros” (ARENDT, 1993, pag. 100).

Percebe-se aqui um ponto determinante: aquele que não está conectado consigo mesmo, não desenvolve a sua doxa, bem como não pode conhecer a verdade dos homens externos, uma vez que um homem, nestas condições, por não estar de acordo consigo termina por cair em contradição. Vale expor que “alguém que se contradiz não é confiável” (ARENDT, 1993, pag.101). Por meio da socialização, os homens podem ouvir uns aos outros, observando os diferentes ângulos (Arendt, 2001). Nas redes sociais essa socialização é barrada porque muito do que aparece não é discutido, como por exemplo memes, notícias e imagens que são compartilhadas a todo momento sem a menor reflexão previa.

A descoberta socrática alimenta/energiza a nossa questão principal. Em qualquer que seja a sociedade ou contexto histórico, mesmo estando sozinhos, em nenhum momento abandona-se a condição de pluralidade, bem como nunca, nem por segundo, somos um. Sempre seremos dois em um. “A saída do filósofo da esfera da pluralidade é sempre uma ilusão: ainda que eu tivesse que viver inteiramente sozinho, estando vivo, eu viveria na condição de pluralidade” (ARENDT, 1993, pag. 101). Ao falar consigo mesmo, torna-se dois-em-um, essa relação deve sempre ser pautada na amizade e no amor a verdade.

Em vista disso, viver bem com os outros depende diretamente do viver bem consigo. Neste instante cabe aqui a seguinte indagação: Na era moderna, como pessoas que não suportam estar consigo mesmo podem ser boa companhia para os outros? Ou ainda, como posso estar em desacordo comigo e almejar estar harmoniosamente socializando com meus semelhantes? Questões assim evidenciam o depauperamento da construção do ser de todos aqueles que fogem, tão vorazmente quanto Raskólnikov foge da cena do crime, da companhia de si mesmo para se entregar ao contato dito “social” expressado nas redes. Estas pessoas, comumente, buscam uma aproximação com os outros; um acalento, um divertimento; um entorpecente que proporcione ao menos a menor sensação de acolhimento e de pertencimento. São pessoas que na melhor das hipóteses deveriam estar em harmonia com o seu próprio ser. Quando nem eu mesmo desejo minha companhia, não devo querer juntar-me aos outros, já que devemos sempre aparecer para nós mesmos tal como aparecemos quando somos vistos pelos outros (ARENDT, 1993).

Somos seres potencialmente sociais que se desenvolvem no estar junto de si e expandem para o estar junto dos outros. Entretanto, essa experiência social necessita ser verdadeira (fundida

a partir da relação entre doxa e conhecimento de mundo). As relações sociais não podem ser resumidas a meras atuações e encenações porque cada um de nós somos testemunhas do que somos e partindo disso reconhecemos e damos sentido ao externo. Ao negar a decadência do meu ser, aceito viver “socialmente” com os outros na mesma condição. Ao cair na contradição de parecer, bem como na ilusão de estar socializando, ou ainda influenciando pessoas a seguirem determinado padrão, terminamos por cometer o maior dos desacertos: perder-se a si mesmo. Nesse momento diferentemente do que Clarice Lispector já participou, perder-se não é caminho. E se muito fosse não seria dos mais frutíferos - tão longo e irrelevante - um vazio tão ensurdecedor que levaria ao abismo da existência mais alienante.

Como fruto da perda de si, as pessoas caem no mais completo desvario, perdendo, quase que inteiramente, a capacidade de discernir entre o real e o ilusório. Um delírio tão feroz que lhes rouba ainda o pensamento crítico. Chegando ao extremo poderíamos afirmar que o antro platônico está lotado de pessoas. O mito é o mesmo, entretanto o que impressiona é a arquitetura moderna da caverna.

A maior liberdade do homem consiste em escolher sua prisão (Spinoza, entre 1670 e 1677), as redes sociais tornaram-se a prisão do homem moderno. Cada indivíduo tem a sua prisão. Todos vivem encerrados em bolhas que impedem o reconhecimento de realidades e pontos de vista diferentes daquele que o indivíduo observa. O capitalismo, os padrões sociais e às ideologias hegemônicas traçam e definem o perfil dos usuários que obedecem cegamente aos desejos das sombras. Cada vez mais entregam, de bom grado, o seu desejo aos senhores modernos já citados anteriormente. Este tipo de atividade nos faz lembrar a dialética Hegeliana do Senhor e do Escravo, onde este último cede, gradativamente, os seus desejos e subjetividade em nome do desejo do Senhor, o que termina por culminar no enriquecimento dos grandes empresários.

O online nas redes sociais está, em nível crescente, substituindo os momentos de reflexão e de cuidado de si. As horas de “descanso”, sobretudo daqueles com rotina de trabalho corrido, ao invés de serem oportunidades de estar junto de si mesmo, passaram a ser status de online daqueles que perderam o controle do uso. Dessa forma, as mídias interoperam o processo do “cuidado interior” e da reflexão, momentos assim foram sacrificados em nome do não estar “só”, mas afinal quem ganha com isso? O sistema e as teorias que imobilizaram os homens.

A relevância política da descoberta socrática reside em sua afirmação de que a solidão, que, antes e depois de Sócrates era tida como prerrogativas e habitus profissional apenas do filósofo, e naturalmente vista pela pólis como suspeita de ser anti-política, é, ao contrário, a condição necessária para o bom funcionamento da pólis, uma garantia melhor do que as regras de comportamento impostas por leis e pelo medo do castigo (ARENDDT, 2002a, p. 104).

Tudo o que o sistema quer são indivíduos que não questionem. Aqueles que não caem na teia, ou que conseguem soltar-se dela, representam o maior dos perigos ao capitalismo e aos governos totalitaristas, já que estes não desejam indivíduos sozinhos, ou que passem um bom tempo do seu dia consigo mesmo. A reflexão e a busca por conhecimento geram esclarecimento e – aquilo que Kant chamou de *Sapere Aude* – pensamento crítico. Por falar nisso, ao fazermos uso da nossa faculdade crítica não perdemos nossa pluralidade, mas compactamos em uma relação reflexiva. Existimos de fato, como enunciava Hannah, no plural.

O pensamento é um estar-só, mas não é solidão (loneliness); o estar só é a situação em que me faço companhia. A solidão ocorre quando estou sozinho, mas incapaz de dividir-me no dois-em-um, incapaz de fazer-me companhia, quando, como Jaspers dizia, ‘eu falto a mim mesmo’ (ich bleib mir aus), ou, em outras palavras, quando sou um e sem companhia (ARENDDT, 2002b, p. 139).

Não se deve dificultar/ impedir o dialogo reflexivo, mas é necessário reconhecer quando não estamos de acordo conosco por buscarmos altas dosagens do não estar consigo. Essa incapacidade de pensar e julgar pode favorecer ações violentas e extremas. Tornar-se um crítico, com consciência social, permite a expansão sob uma visão fora da caixa – fora do padrão – indo de encontro ao sistema capitalista que prega o consumismo em massa fundamentada na alienação. Em razão disso, muitos governos totalitaristas, aliados a grandes empresas, fazem uso do pão e circo, moderno, para entreter seus cidadãos. Entretanto é justamente:

Quando todos estão deixando-se levar, impensadamente, pelo que os outros fazem e por aquilo em que creem, aqueles que pensam são forçados a mostrar-se, pois a sua recusa em aderir torna-se patente, e torna-se, portanto, um tipo de ação (ARENDDT, 2002b, p. 144).

Na superficialidade moderna, observa-se a falta de sensibilidade ao olhar do outro e a devoção cega ao discurso. Nunca se escutou tanto sem realmente ouvir. Não sentir a dor do outro e desejar o mal ao próximo revela, de forma indiscutível, a maldade humana somada ao estoicismo extremo que se acostumou a ver e ouvir notícias desastrosas com indiferença. As redes sociais somadas as novas tecnologias garantem inúmeros benefícios, bem como a era moderna permitiu avanços significativos nas diversas áreas, entretanto penso ser digno de preocupação as colocações feitas até aqui, sendo que a questão principal está centrada no uso excessivo que se torna maléfico e, muitas vezes, patológico aos usuários desmedidos.

Como consequência danosa, a estrutura social, sobretudo das minorias desassistidas, a perda da sensibilidade revertida no estoicismo extremo formam comportamentos que podem ser pensados como reflexo da modernidade e/ou como herança positivista. Haja vista que esta corrente iniciou sua influência na cultura brasileira por volta de 1850 com a busca incessante por resultados, supervalorização de uma ciência que serve aos senhores do capital como instrumento de manipulação social, projetos políticos, religiosos e pedagógicos e a racionalização de tragédias baseada na naturalidade.

Chegada a hora do desfecho final Hamletiano, após a tortura do “Ser ou não Ser”, é preciso evidenciar uma possível superação dos problemas mencionados que interligue a reflexão com o estar junto de si mesmo. Não trago aqui métodos prontos e infalíveis, mas sim um apelo Nietzscheano que com mais de 100 anos ainda permanece atual.

Por isso que vou para a solidão – para não beber das cisternas que estão dispostas para todos. No meio da multidão vivo como a multidão e não penso como penso; depois de certo tempo, tenho sempre a impressão de que querem me exilar de mim mesmo e roubar-me a alma – passo a me tornar mau para todos e a temer a todos. Tenho então necessidade do deserto para voltar a ser bom (NIETZSCHE, 2007, p.304).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso reconhecer a si, com e em dialética do movimento da criação, sempre em mobilidade para a ressignificação que propicie o reconhecimento da pluralidade e da singularidade humana. Se desejar o poder, aspire poder refletir por si mesmo.

Deseja-se finalmente, que aqueles que buscam desvairadamente por companhia possam perceber que estar longe dos outros não significa estar sozinho. Uma vez que nós somos nossa eterna companhia. Somos espelhos, vemos o mundo ao nosso reflexo e como tal precisamos, por vezes, estar distantes das coisas para só então ver a sua inteireza. Por falar em inteiro, a afirmação de que somos sozinho é um despautério descabido. Nós somos dois - dois em um – destarte, reconheçamos a pluralidade humana (ARENDDT, 1993).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **As melhores crônicas de Rubem Alves**. Campinas/SP: Papirus, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poema Ausência*. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/1729/ausencia> acessado em 26/05/2020.

ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Trad. Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. *A vida do espírito*. 2002b. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 392.

_____. **A Condição Humana**. 2001. Rio de Janeiro: Forense Univesitária, 352 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.